



FRANÇA

A uma semana das eleições legislativas, as pesquisas de intenções de voto mostram vantagem para os candidatos conservadores e ultraconservadores, enquanto Macron amarga 26% de aprovação em um mandato que só termina em 2027

Extrema direita avança

A uma semana do primeiro turno das eleições legislativas na França, a extrema direita avança na liderança das pesquisas das intenções de voto e articula conquistar a maioria absoluta, superando a aliança de esquerda e o bloco governista. O primeiro turno será no dia 30 de junho e o segundo em 7 de julho — a três semanas das Olimpíadas em Paris, as primeiras com retorno de público após a pandemia da covid-19.

O presidente do partido Reagrupamento Nacional (RN), Jordan Bardella, se esforça para moderar a imagem do partido, assim como sua líder, Marine Le Pen, que deseja apagar o legado de seu pai, Jean-Marie Le Pen, conhecido por seus comentários racistas e antissemitas.

O RN e seus aliados, incluindo o presidente do partido conservador Os Republicanos (LR), Éric Ciotti, têm entre 35,5 e 36% das intenções de voto, segundo duas pesquisas publicadas neste domingo (23).

O RN e seus aliados aparecem à frente da Nova Frente Popular, uma coalizão de partidos de esquerda (de 27% a 29,5%), e da aliança centrista do presidente Emmanuel Macron (de 19,5% a 20%).

“Quero reconciliar os franceses e ser o primeiro-ministro de todos os franceses, sem qualquer distinção”, disse Bardella em uma entrevista ao *Journal du dimanche* (JDD).

Série de protestos

Diante da perspectiva de um governo de extrema direita, uma sequência de protestos ocorre no país nos últimos dias. Os manifestantes denunciam o “perigo” que o RN representa para a democracia. Entidade de defesa das mulheres, criticam o chamado “feminismo de fachada” do partido de extrema direita.

AFP (Photo by Denis Charlet / AFP) Caption



Derrotada à Presidência da República em 2022, Marine Le Pen (casaco verde) é agora o principal nome dos extremistas

O jornal *Le Monde* publicou ontem uma carta de 170 diplomatas e ex-diplomatas. No texto, o grupo alerta que uma vitória do RN “enfraquece a França e a Europa” no momento em que a “guerra está ao nosso lado”.

Terceira força

O temor de uma vitória do RN levou a oposição de esquerda a estabelecer uma aliança. A Nova

Frente Popular é uma coalizão liderada por socialistas, ecologistas, comunistas e o partido A França Insubmissa (LFI, extrema esquerda), que recebeu elogios inclusive do ex-presidente socialista François Hollande, candidato nas eleições.

O líder do LFI, de extrema esquerda, Jean-Luc Mélenchon, disse que se recua a “eliminar-se ou impor-se” como primeiro-ministro em caso de vitória

da esquerda no segundo turno das legislativas, em 7 de julho. A aliança de esquerda está envolvida em denúncias de escândalos de manipulações do Judiciário e uma verdadeira rede de intrigas.

Mélenchon anunciou sua “intenção de governar este país”. Mas Hollande pediu ontem que se o líder do LFI deseja ajudar, deve “se afastar ou calar”. Hollande é foco do escândalo e da onda de descrédito envolvendo a esquerda.

“Nosso país precisa de uma terceira força, responsável e razoável, capaz de agir e tranquilizar”, afirmou a presidente da Assembleia Nacional (Câmara dos Deputados), Yaël Braun-Pivet, ao jornal *La Tribune*.

Em baixa

A popularidade do presidente Emmanuel Macron está em queda, segundo as

» Eleitores

O voto não é obrigatório na França, o que faz com que o comparecimento às urnas. Estão aptos para votar nessas eleições 238.375 eleitores, dos quais 53% mulheres e 47% homens.

pesquisas de opinião. Ele conta com apenas 26% de aprovação. Analistas acreditam que a situação dele se agravou depois da decisão inesperada de convocar eleições legislativas antecipadas, após o fracasso de sua coalizão nas eleições europeias de 9 de junho diante da extrema direita.

No parlamento europeu, a direita obteve o dobro dos votos dos candidatos de centro e esquerda. No poder desde 2017, Macron enfrenta dificuldades para pôr em prática o programa de governo, pois perdeu a maioria na Assembleia Nacional e convive com parlamentares divergentes.

O chanceler da Alemanha, Olaf Scholz, disse estar preocupado com o avanço da extrema direita na França. “Espero que os partidos que não são (Marine) Le Pen, por assim dizer, tenham sucesso nas eleições. Mas isso tem de ser decidido pelo povo francês”, afirmou Scholz ao canal ARD.

O mandato de Macron vai até 2027 e ele já descartou a possibilidade de renunciar, independentemente dos resultados das eleições. Segundo ele, vai “trabalhar até maio de 2027”. “O governo que virá e refletirá necessariamente o voto de vocês, espero que reúna republicanos de diversas sensibilidades que terão a coragem de opor-se aos extremos”, escreveu o presidente em uma carta aos franceses publicada pela imprensa.

AFP



O jogador Aurélien Tchouaméni: “estou horrorizado”

Estrelas do futebol rejeitam extremismo

O jogador Aurélien Tchouaméni, do Real Madrid, um dos principais nomes da seleção de futebol da França, afirmou estar “horrorizado” com opções políticas “extremas” no cenário político do país. Segundo ele, a unidade e o equilíbrio que representam a França.

“Na vida diária, tenho horror dos extremos. Sou a favor de uma política de unidade, a que melhor representa a França”, disse Tchouaméni, na Alemanha, onde a seleção francesa está concentrada para a Eurocopa.

No dia 15, o atacante Marcus Thuram pediu que os eleitores votem contra a extrema direita de Marine Le Pen, que venceu as eleições europeias

na França com mais de 30% dos votos em 9 de junho.

As declarações foram apoiadas por Kylian Mbappé, estrela e capitão da equipe, que pediu votos “contra os extremos”. Outros jogadores, como Ousmane Dembélé, Antoine Griezmann e Olivier Giroud, preferiram apelar para que os compatriotas compareçam às urnas.

Após a vitória do partido de extrema direita Reagrupamento Nacional (RN) nas eleições europeias na França, o presidente Emmanuel Macron dissolveu a Assembleia Nacional e convocou eleições antecipadas. A situação política no país é mencionada pelos jogadores da seleção com frequência.

Feministas protestam contra conservadores

Mais de 200 associações feministas organizaram protestos em várias cidades da França ontem. O coletivo cristão Justiça e Esperança também se uniu ao movimento. Milhares de mulheres, alguns homens e crianças saíram às ruas contra a extrema direita e a possibilidade de vitória maciça no próximo dia 30. Só em Paris, elas percorreram as principais avenidas com faixas e bandeiras. Era possível ler “perigo” e “alerta”, segundo o *Le Monde*.

As manifestantes foram às ruas também em Bordeaux e Lyon. De acordo com a polícia, foram registradas 41 manifestações no país. Os protestos ocorrem uma semana depois de uma série de passeatas contra a extrema direita terem ocupado as ruas também. Esses protestos foram organizados pelos sindicatos, que reuniram manifestantes por todo o país.

O alerta feminista foi materializado simbolicamente por um alarme e apitos. As manifestantes empunhavam cartazes com os dizeres “Nem marido nem chefe, nem fuzileiro naval nem Macron”, “machismo gera fascismo”, e uma maioria de mulheres, mas também de homens, até alguns meninos com suas mães.

Participantes

O *Le Monde* conversou com várias mulheres que participaram do protesto e reclamavam da plataforma política da extrema direita. Para elas, o principal

AFP



Coletivo Justiça e Esperança se une aos manifestantes contra a plataforma conservadora

aspecto se refere às restrições ao aborto e às medidas de controle de natalidade.

Participaram dos protestos as líderes políticas Marylise Léon, da CFDT, Sophie Binet, da CGT, Sophie Vénéitay, do SNES-FSU. Elas marcharam em Paris. A atriz Judith Godrèche também integrou a manifestação em defesa do combate à violência sexual e de gênero.

Especialistas acreditam que o avanço da extrema direita se deve a um conjunto de fatores: o crescimento dessa força na Europa associado às insatisfações individuais e coletivas. São queixas de ordem política, econômica e social.

O combate ao desemprego e a criação de vagas de trabalho desafiaram os governos na França. Agora o presidente Emmanuel

Macron, mas no passado Sarkozy e Hollande, todos tentam, mas o problema permanece.

Por outro lado, cientistas sociais afirmam que a extrema direita, como ocorre no Brasil e em outros países, normaliza ideias e ações, afastando o constrangimento do que era visto como marginal e agora é colocado, inclusive, como padrão de comportamento.